

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

MARCUS VINICIUS MEDEIROS

**EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DO PET EF: O *RUGBY* COMO CONTEÚDO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

VITÓRIA

2016

MARCUS VINICIUS MEDEIROS

**EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DO PET EF: O *RUGBY* COMO CONTEÚDO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Centro de Educação Física e Desportos da
Universidade Federal do Espírito Santo como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof.Dr.Omar Schneider.

VITÓRIA

2016

RESUMO

O texto problematiza uma proposta pedagógica do PET Educação Física, que durante o ano de 2013, trabalhou a prática do ensino do *rugby* como uma oficina de ensino de esportes diferenciados no curso de Educação Física da Ufes. O projeto de ensino utilizou como referência a proposta da *Teoria da relação com o saber*, para articular o conhecimento socializado, levando em consideração as experiências dos alunos com a temática e da apropriação que eles fizeram do conteúdo para produzir novos saberes escolares. Percebeu-se que os alunos matriculados na oficina associavam o *rugby* com algo violento, desconhecendo as suas regras, mas que conseguiram mudar de ideia, incorporando os novos saberes aos seus próprios projetos de formação, reconhecendo que existe uma limitação no currículo do curso de Educação Física, mas que pode ser superado, desde que sejam oferecidas oportunidades de práticas de outros esportes, não apenas o famoso quarteto fantástico que reina como os grandes conteúdos da Educação Física escolar. Concluimos que o *rugby* ainda é pouco conhecido no Brasil, mas que possui um grande potencial para se tornar uma ótima ferramenta pedagógica para ensinar, além do próprio esporte e as qualidades físicas que ele pode produzir, também valores, como solidariedade, jogo justo, cooperação, respeito e autocontrole.

Palavras-chave: *Rugby*. Educação Física. Alunos.

ABSTRACT

The text discusses a pedagogical proposal PET Physical Education, during the year 2013, worked the practice of rugby education as a different sports education workshop in the course of Physical Education Ufes. The educational project used as a reference the proposed theory of relationship to knowledge, to articulate the socialized knowledge, taking into account the experiences of students with the theme and ownership they did content to produce new school knowledge. It was noticed that the students enrolled in the workshop associated rugby with something violent, ignoring their rules, but they could change your mind, incorporating the new knowledge to their own training projects, recognizing that there is a limitation in the curriculum of Education physical, but that can be overcome as long as other sports practice opportunities are offered, not only the famous fantastic Four who reigns as the great content of school physical education. We conclude that rugby is still little known in Brazil, but it has great potential to become a great educational tool to teach beyond the sport itself and the physical qualities that it can produce, also values such as solidarity, fair play, cooperation, respect and self-control

Keywords: *Rugby*. Physical Education. Students

LISTA DE QUADROS

1. Quadro 1: Qual era o seu conceito de *rugby* antes da oficina?..... 17
2. Quadro 2: O que pode ser feito com o *rugby*? 21

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	10
3 - CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DO RUGBY	11
4 - PROBLEMA	13
5 - METODOLOGIA DE ENSINO DO RUGBY NA OFICINA DE ESPORTES DIFERENCIADOS	14
6 - RESULTADOS DA OFICINA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	15
7 - CONCLUSÃO	23
8 - REFERÊNCIAS	24
APÊNDICES	26
APÊNDICE A –Questionário	27
APÊNDICE B - Programa da oficina 2013	28

1 -INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar uma proposta do Programa de Educação Tutorial Educação Física (PET-EF), que aconteceu no ano de 2013, para o ensino do *rugby*. O projeto de ensino nasceu com o propósito de introduzir, por meio de aulas teóricas e práticas, uma nova modalidade desportiva na formação dos estudantes dos cursos de Educação Física (CEFD), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o *rugby*, um esporte que pouco a pouco ganha visibilidade no Brasil, mas que ainda é muito mal compreendido pelo grande número de contatos corporais que a sua prática exige. A proposta de ensino dessa prática esportiva teve como objetivo torná-la mais próxima dos professores em formação do CEFD e dar a eles condições para a sua aprendizagem e, posteriormente, o seu uso para o ensino da Educação Física.

No ano de 2013, o PET-EF ofertou uma oficina de docência intitulada como *Oficina de docência em esportes diferenciados*, como uma forma de divulgar novos conteúdos de ensino, tendo como base a cultura corporal de movimento. Dessa forma, produziu as primeiras experiências de docência sobre um conteúdo de ensino de um esporte que está em crescimento no Brasil, capaz de contribuir para o desenvolvimento de novas habilidades para os participantes, tanto motoras, quanto culturais.

Com base nessa proposta, procuramos sistematizar o *rugby* como conteúdo na Educação Física escolar, orientando os professores em formação na parte técnica, teórica e prática, com a oferta de situações de jogo e com a consequente criação de planos de aula para o ensino dessa modalidade desportiva.

O *rugby* é caracterizado como uma modalidade de alto rendimento e é considerado por Kunz (2006, p. 48) “[...] um tipo de esporte que é sistematicamente treinado com o objetivo de participar periodicamente em competições esportivas”. Porém na oficina ministramos esse conteúdo de uma forma mais didática, no intuito de auxiliar os professores em formação para que pudessem adaptá-lo ao ambiente escolar, tendo possibilidades de ministrar o esporte em forma de jogo lúdico. Segundo Walter Benjamin (2002, p. 85),

Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo

próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua produção miniaturizada.

Compreendemos as potencialidades que o jogo pode fornecer e, com o intuito de compartilhar o conteúdo com os professores em formação, estruturamos a *Oficina de Docência* que foi realizada em 15 encontros, desenvolvida com conteúdos práticos e teóricos.

Para nos auxiliar a ministrar a oficina, convidamos um aluno graduando em Bacharelado em Educação Física do CEFD/UFES, Raphael Santos Balmas, que teve papel fundamental no ensino da prática. Com mais de cinco anos de experiência no esporte, ele era, naquele momento, atleta amador do Vitória *Rugby*.

O PET-EF se reuniu com Balmas, em um período de oito encontros realizados todas as terças-feiras, para planejar como seria o andamento da oficina. Durante a estruturação do projeto de ensino, foram ministradas aulas apenas com os bolsistas do programa, permitindo que vivenciassem e aprofundassem os conhecimentos naquela prática corporal que até aquele momento era desconhecida e não praticada por boa parte do grupo.

A seguir apresentamos a ementa da disciplina e a forma como o conteúdo foi distribuído ao longo dos 15 encontros. A ementa foi desenvolvida com a seguinte problematização: “O rugby como conteúdo da Educação Física. Aspectos históricos do rugby. Conhecendo e entendendo o jogo de rugby, suas possibilidades de ensino, metodologias, teorias e práticas” (PLANO DE ENSINO, 2013). Como objetivo, foram destacadas as questões: “Entender o rugby como conteúdo da Educação Física; compreender o rugby e as suas formas de jogo; e vivenciar os movimentos característicos do rugby”.

Para o ensino do *rugby*, operamos da seguinte forma: realização de aulas teóricas e práticas sobre o ensino do *rugby*, simulação de situações de jogo e o jogo como meio para o aprendizado. Como leitura para a oficina, foi elaborada uma apostila para que os alunos pudessem ter um material sistematizado sobre a temática do *rugby*, destacando a sua história, suas principais características, formas de jogar e o vocabulário específico da modalidade. Como meio de avaliar a aprendizagem dos alunos, ao final de cada semestre, eles faziam planos de unidade que poderiam ser aplicados nas escolas em que fossem realizar os seus estágios docentes.

Acreditamos que o referencial teórico e metodológico que empregamos pode nos auxiliar a compreender o processo de significação pelo qual os alunos passaram ao se deparar com um conteúdo novo na sua formação dentro do curso de Educação Física da Ufes. Essas reflexões poderão, posteriormente, servir como experiência e aprofundamento em outras práticas corporais, como a que realizamos.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

No estudo, utilizamos, como referencial teórico, a *Teoria da Relação com o Saber* desenvolvida por Bernard Charlot (2000). Para o autor:

Estudar a Relação com o Saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de ‘saber’ no mundo. Assim sendo, não se pode deixar de considerar o sujeito ao estudar-se a educação. Mas nem por isso podemos esquecer que o sujeito da educação é um ser social. Surge aí uma importante dificuldade: como pensar o sujeito enquanto ser social, quando a sociologia se construiu separando-se das teorias do sujeito? (CHARLOT, 2000, p. 34).

Charlot (2000) lembra que uma sociedade é formada por estruturas, mas também por representações, valores e as ações. Isso pressupõe que não dá para estudar a sociedade sem estudar o sujeito, suas representações, valores e ações, ou seja, para estudar o sujeito, não se pode desconsiderar o ser humano (aberto um mundo que não se reduz ao aqui e o agora). O ser social que nasce e cresce em uma família herdando as relações sociais, mas que também é singular (que é um ser único da espécie humana, que interpreta o mundo e suas relações com os outros serem humanos).

Para analisar os dados gerados pelos dois instrumentos, planos de intervenção/aulas e questionário aplicados no primeiro e segundo semestre em que foi realizada a Oficina de Ensino do *Rugby*, trabalhamos com um método qualitativo/descritivo de caráter exploratório.

A pesquisa exploratória, segundo Minayo (2004, p. 89), “Compreende a etapa de escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do

objeto e dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual, dos instrumentos de coleta de dados e da exploração do campo”.

Os estudos exploratórios permitem adquirir a experiência e fundamentar as questões que serão desenvolvidas na pesquisa. Partindo de uma hipótese e se aprofundando nos limites de uma realidade específica, o investigador busca subsídios, por meio de elaboração de instrumento, escala de opinião, para então planejar uma pesquisa descritiva (TRIVINÕS, 2006).

Nosso estudo, dessa forma, configura-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva, pois as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga. São produtos de uma visão subjetiva que rejeita toda a expressão quantitativa, numérica, toda medida (TRIVINÕS, 2006). Ainda segundo Triviños (2006, p. 128), “Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto”.

Essa modalidade de estudo é importante como avaliação, pois pode auxiliar os professores em formação a se sentirem seguros em relação ao que é ensinado no curso e como esses saberes impactam a formação.

Ao buscarmos estudar e ensinar outros conteúdos, para além dos esportes já desenvolvidos no ambiente escolar, tais como o futebol, vôlei, basquete e *handebol*, teremos mais elementos que contribuam para uma formação crítica, em que o aluno, no período escolar, desenvolva hábitos, atitudes, habilidades, valores e autonomia em relação aos esportes e suas práticas sociais.

3 - CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DO RUGBY

O *rugby* nasceu de um conjunto de esportes que utilizavam a bola, dentre eles, o *episcyro*, *phenindo*, *aporrhaxis* e *uranio* (GARCIA, 1963). O jogo mais semelhante ao *rugby* moderno era o *haspatum*, que era praticado pelos romanos (GARCIA, 1963). O *haspatum* era jogado num campo delimitado por linhas. Os jogadores podiam conduzir a bexiga de animal tanto com os pés, quanto com as mãos (BARBOSA; CARVALHO, 2008). O esporte praticado pelos romanos, segundo Aguiar (2011), era

jogado em um campo retangular bem delimitado, e o jogo consistia em levar a bola para trás da linha de fundo do campo adversário mediante passes e fintas. O jogador da equipe adversária podia agarrar a bola ou atirar-se ao solo com o objetivo de parar o adversário e conseguir a posse de bola (GARCIA, 1963).

Por volta do século XI, na região do Canal da Mancha, que separa a Inglaterra da França, surgiu o *soule*. Conforme Aguiar (2011), o *soule* era praticado por até 100 jogadores e o objetivo do jogo era levar a bola até a entrada, ou pórtico principal do povoado da equipe adversária.

Em meados do século XV, na Itália, surgiu o *calcio*, também derivado do *haspatum*, jogado em campo delimitado, com a presença de regulamentos e regras precisas (AGUIAR, 2011).

Os esportes/jogos citados são fundamentais para o desenvolvimento do que hoje conhecemos como *rugby*. Porém, a versão mais popular, é que o estudante Willian Webb Ellis, da *Public School*, na cidade de Rugby, na Inglaterra, em 1823, agarrou a bola de futebol com as mãos na aula de Educação Física e correu até a linha adversária, dando surgimento a um novo esporte. Ainda de acordo com Aguiar (2011), os diretores e alunos aprovaram o esporte e, juntos, desenvolveram para ele regras e normas de conduta.

A modalidade de *rugby* hoje mais conhecida foi criada pela divisão da *Football Association*, entidade inglesa que coordenava as principais equipes de futebol sediadas nas principais escolas e universidades da Inglaterra. Essa associação redigiu o código do esporte praticado, chamado na época de *football*. As instituições insatisfeitas com a proibição da agressividade no jogo decidiram criar a *Rugby Football Association* (AGUIAR, 2011). Com a expansão e popularização do esporte, surgiram várias discussões sobre as suas regras e, para estruturá-las houve necessidade de se criar uma entidade para consolidar ainda mais essas regras. Então, criou-se a *International Rugby Football Board*, hoje chamada de *World Rugby*. Desde então, o esporte começou a ser difundido, inicialmente, por países colonizados pela Inglaterra. A primeira partida internacional foi disputada entre a Escócia e a Inglaterra, em 1886.

Segundo a Confederação Brasileira de *Rugby* (CBR, 2015), o esporte é praticado em mais de 120 países e é detentor do terceiro maior evento esportivo do planeta, com a audiência de mais de 4 bilhões de pessoas. A Copa do Mundo de

Rugby é disputada de quatro em quatro anos e é organizada pela entidade máxima do esporte, a *International Rugby Board* (IRB, 2015).

No ano de 1894, o *rugby* chega ao Brasil, trazido pelo paulista Chales Miller, descendente de escocesses e de ingleses, que também foi responsável por introduzir o futebol de campo no Brasil (RM, 2015).

Atualmente, o *rugby* vem se desenvolvendo no país, principalmente na modalidade *rugby seven*, que é disputado por sete jogadores em cada time, diferente do *rugby* tradicional que é formado por 15 jogadores titulares em cada equipe (IRF, 2015). O *rugby seven* estará presente nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

4 - PROBLEMA

Com base nas experiências geradas da Oficina de *Rugby*, problematizamos o conhecimento que foi apropriado pelos alunos e como eles se relacionaram com esse saber. Desse modo, buscamos compreender a forma como os alunos materializaram, por meio de propostas de aulas, o que haviam aprendido na oficina. O que foi apropriado por eles nesse momento de formação para realizar seus estágios docentes?

Com essas ideias em mente, procuramos analisar o impacto que uma oficina de esportes diferenciados causou na formação de um grupo de alunos do CEFD que, até aquele momento, nada conheciam sobre a modalidade esportiva *rugby*, uma vez que não é uma atividade com muita visibilidade nos canais de televisão aberto, nem tem uma prática muito disseminada na sociedade capixaba e não faz parte da grade curricular do curso de Educação Física da Ufes, que ainda está centrado no ensino de outros esportes coletivos, como o futebol, o voleibol, o basquetebol e o *handebol*.

5 - METODOLOGIA DE ENSINO DO *RUGBY* NA OFICINA DE ESPORTES DIFERENCIADOS

O *rugby* é um esporte de contato composto por quinze ou sete jogadores. Fundamenta-se em muitas regras que exigem um grande trabalho em equipe. A oficina de *rugby* objetivou vivenciar esse esporte como um conteúdo da Educação Física, a partir de seus aspectos históricos, suas formas de jogo e seus movimentos característicos.

A oficina foi realizada, em um primeiro momento, com a utilização de vídeos didáticos que mostravam diferentes formas de se jogar o *rugby*, com o intuito de que os alunos comesçassem a se familiarizar com esse esporte.

Nos encontros seguintes, começamos a praticar o *rugby*, revezando um dia no campo e outro na quadra. Nessas aulas, foram ensinados os passes de bola, com rotação da cintura; o *scrum*, que é o meio de iniciar o jogo após uma interrupção da jogada; como é cobrado um lateral; o chute; o *maul*, que ocorre quando o portador da bola é segurado por um ou mais atletas da equipe adversária e um ou mais atletas da sua equipe entram em contato com ele, mas a bola não pode estar em contato com o solo; o *tackle*, ocorre quando um jogador é derrubado por um ou mais jogadores da equipe adversária; o *ruck* que é um dos tipos de contato assim como o *tackle* e o *maul*.

As aulas foram divididas em dois momentos, um em que a metodologia foi ensinada como aulas teóricas, com a utilização de recursos audiovisuais; e outro para o ensino das construção dos planos de unidade, formado por planos de ensino e de aula. O segundo momento foi feito por meio de aulas práticas, em que eram simuladas as situações de jogo e realizadas pequenas competições entre os alunos.

Após algumas semanas de discussão teórica e de aulas práticas sobre os fundamentos do *rugby*, começamos a incentivar os alunos a produzirem seus planos de unidade e planos aula. Em seguida propomos que eles apresentassem os primeiros planos durante a oficina, visto que, ao final dessa disciplina, teriam que entregar um plano de unidade com o intuito de colocar em prática o que aprenderam na oficina. As atividades em que os alunos colocaram em prática seus planos de aulas foram compreendidas como microaulas, o que também proporcionou um melhor aprendizado dos fundamentos do esporte dentro de uma proposta em que os conhecimentos não ficassem isolados, mas permitissem aos alunos a materialização

do que estavam aprendendo na oficina, gerando, no processo produtos, materiais que dessem condições para compreender o nível de aprendizagem de cada um deles.

6 - RESULTADOS DA OFICINA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

No primeiro semestre em que a oficina foi realizada, como meio de avaliação, os alunos fizeram planos de unidade, contendo planos de aula sobre o ensino do *rugby*. Já no segundo semestre, optamos, como meio de avaliação, pela aplicação de um questionário, com cinco perguntas, em que os alunos pudessem registrar os sentidos que conseguiam atribuir ao que estava sendo ensinado.

No primeiro semestre de 2013/1, ao analisarmos o desenvolvimento da oficina, constatamos que ocorreram apenas duas desistências e quatro reprovações. Nesse semestre, foram matriculados 40 alunos, tanto da licenciatura, quanto do bacharelado em Educação Física.

Em função de ser uma prática esportiva que exige contato físico, alguns alunos não participaram de todas as atividades, que consistiam de exercícios que trabalhavam os movimentos característicos e variações do jogos. Ao final do trabalho desenvolvido, eles produziram em dupla seus planos de aula para o ensino do *rugby* no processo de escolarização, os quais deveriam compor um plano de unidade.

Os planos foram apresentados oralmente para o grupo e, em alguns casos, executados em aulas práticas na própria oficina. Para avaliar os planos de unidade, foram estabelecidos, pelo grupo PET-EF, critérios de avaliação. Esses critérios consistiam em: elaboração do plano de unidade de modo geral (1); relação entre plano de unidade e planos de aula (1); conteúdo do plano de unidade contendo apresentação, justificativa e objetivos (2); planos de aula contendo objetivos (2); progressão entre os planos (2); e avaliação (2), totalizando 10 pontos.

Por meio de alguns relatos dos alunos, percebemos que a oficina estava contribuindo para a realização da disciplina *Estágio Supervisionado* (uma atividade obrigatória para se formar no curso de Licenciatura em Educação Física), ajudando na elaboração das aulas e já sendo colocada em ação em forma de jogo para os alunos da escola onde eram realizados os encontros do Estágio Supervisionado, cumprindo, dessa forma, um dos objetivos propostos pela oficina.

No segundo semestre do ano de 2013, para a avaliação do conhecimento sistematizado na oficina, usamos um questionário semiestruturado contendo cinco questões abertas. As questões buscavam analisar o que os alunos compreendiam do *rugby* antes de se inscreverem na oficina, mobilizando as suas representações sobre esse esporte. Buscamos, também, compreender as ressignificações que eles fizeram após participar da oficina, observando de que forma o que haviam aprendido na oficina poderia ser utilizado no ensino da Educação Física, tentando analisar, por meio desse imaginário sistematizado nas respostas, como as atividades realizadas na oficina estavam contribuindo para a formação e ressignificação dos conteúdos da Educação Física. Com base nesses questionamentos, procuramos entender também como o aluno avaliava a oficina de *rugby*.

Em relação às perguntas que foram feitas, neste estudo, vamos centrar a atenção em duas que procuravam identificar o que os alunos sabiam sobre o *rugby* antes de iniciarem a oficina e o que eles supunham que poderia ser feito com o *rugby* como conteúdo de ensino da Educação Física. Para Charlot (2002, p. 43), “O sujeito apropria-se do social sob uma forma específica, compreendidos aí sua posição, seus interesses, as normas e os papéis que lhe são propostos ou impostos”. Seguindo essa ideia, buscamos compreender quais representações sociais faziam parte do imaginário que os alunos possuíam sobre o *rugby*.

Acreditamos que as duas perguntas seguintes: *qual era o conceito de rugby antes da oficina? O que pode ser feito com o rugby?* nos dão subsídios para elaborar uma série de análises que norteiam o curso de Educação Física do CEFD/UFES, com a visão dos estudantes em relação a uma prática corporal pouco explorada no curso.

Dezoito alunos, no segundo semestre de 2013, responderam ao questionário. A resposta não era um critério para aprovação, mas a boa participação nas aulas. Dessa forma, poucos alunos se sentiram compelidos a preencher o questionário. Ao analisarmos as respostas dos alunos que participaram e responderam ao questionário da Oficina de Esportes Diferenciados, fizemos uma categorização para sistematizar o que expressaram como conhecimento anterior e para entender a forma como diziam que o *rugby* poderia ser utilizado no ensino da Educação Física.

Após analisar as respostas à primeira pergunta—*Qual era o seu conceito de rugby antes da oficina?*—percebemos três respostas mais visíveis que foram

separadas em três categorias. São elas: 1) *Rugby* como esporte violento; 2) Não conheciam e/ou Esporte pouco conhecido; e 3) Outros.

O quadro abaixo apresenta as respostas obtidas e já separadas em categorias deverivadas da primeira questão.

Quadro1 - Qual era o seu conceito de *rugby* antes da oficina?

1) <i>Rugby</i> como esporte violento	2) Não conheciam ou Esporte pouco conhecido	3) Outros
Alunos: 1, 2, 6, 8, 16, 17 e 18	Alunos: 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 13 e 14	Alunos: 12 e 15
Total: 7 alunos	Total: 9 alunos	Total: 2 alunos

Fonte: Produção própria.

Na primeira categoria, buscamos organizar os alunos que viam o ***Rugby como esporte violento***. Essa categoria foi composta por sete alunos. É possível perceber, dentro da primeira categoria, as primeiras impressões que alguns alunos da oficina tinham do *rugby* durante a disciplina. Algumas narrativas dos alunos revelam o que pensavam sobre esse esporte: “Antes eu pensava em um esporte violento e praticamente sem regras. Hoje eu sei que tem muito contato físico, porém é o esporte mais regrado que existe e se preocupa principalmente com a integridade física do atleta” (ALUNO 6).

De acordo com a resposta do Aluno 6, podemos perceber uma possível indicação de que esses alunos acreditavam que o *rugby* era um esporte violento. Isso é reforçado por outras falas:

O *rugby*, para mim, era um esporte ‘violento’ e que exigia muita força de seus praticantes. Hoje percebo que é um esporte mais ‘democrático’, podendo ser jogado por pessoas de diversos biotipos, além de trabalhar a base coletiva dos praticantes (ALUNO 16).

Ao analisar as narrativas, de acordo com os referenciais apresentados, podemos perceber, por meio de suas representações sociais, que o conteúdo ou até

mesmo o esporte *rugby* era visto, por parte dos alunos da disciplina, como esporte violento. Para Jodelet (2001, p. 4),

[...] as representações exprimem aqueles (indivíduos ou grupos) que os forjam e dão do objeto que representam uma definição específica. Essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem, para esse grupo, uma visão consensual da realidade.

Conforme Charlot (2000, p. 78), “O mundo é dado ao homem somente através do que ele percebe, imagina, pensa desse mundo, através do que ele deseja, do que ele sente: o mundo se oferece a ele como conjunto de significados, partilhados com outros homens”. De acordo com os alunos e futuros professores de Educação Física, o *rugby* era dado como esporte violento por meio de suas percepções, porém não é possível afirmarmos quais elementos esses alunos tinham como base para que o esporte fosse percebido de tal forma. Como ainda não haviam praticado esse esporte, possivelmente essas representações são sínteses, tendo a mídia como grande canal de veiculação e manipulação do seu imaginário.

Os alunos ao se permitirem vivenciar o esporte em busca de um novo conhecimento para a sua formação. Inicialmente percebiam o *rugby* como violento, deixando pistas que essa suposta violência fosse vivenciada na oficina, o que trazia a preocupação com a integridade física do participante (ALUNO 6).

Na segunda categoria do Quadro 1, buscamos organizar as respostas dos nove alunos que **Não conheciam ou viam o *rugby* como um esporte pouco conhecido**.

O Aluno 7 disse: “Não conhecia o *rugby* antes da oficina, e agora consigo compreender as características do jogo, assim como regras e alguns aspectos técnicos”. Para Charlot (2000, p. 67), “Aprender é exercer uma atividade em situação: em local, em um momento da sua história e em condições de tempo diversas, com a ajuda de pessoas que ajudam a aprender”. Nesse sentido, identificamos, na segunda categoria, os alunos que não conheciam o *rugby* e que por necessidade se apropriaram de um novo saber, e a oficina foi o lugar em que puderam ter acesso a esse esporte.

Por meio de algumas narrativas, identificamos que os alunos, ao finalizarem a oficina, saíram modificados, compreendendo as regras do jogo e os conhecimentos técnico e tático para ensinar esse esporte em outros espaços sociais. Essa constatação nos é revelada pela narrativa do Aluno 10. Para ele, “Antes da oficina eu não tinha conhecimento nenhum sobre o *rugby*. Agora já sei algumas regras, como é a forma de jogar”.

As narrativas dos alunos que indicavam que eles **Não conheciam ou viam o *rugby* como um esporte pouco conhecido** nos ajudam a perceber que os estudantes são sujeitos ativos, dispostos a avançar em seus aprendizados, desde que a eles sejam dadas as oportunidades para sair do lugar comum do aprendizado do que se convencionou chamar de quarteto fantástico: o vôlei, o futebol, o basquete e o *handebol*. Os alunos buscavam novos saberes para seu futuro campo de atuação, superando a barreira do currículo que não consegue abarcar todos conhecimentos necessários à formação do professor de Educação Física.

Charlot (2000, p. 69), ao discutir sobre a teoria da relação com o saber, afirma:

Aprender pode ser também dominar uma atividade, ou capacitar-se a utilizar um objeto de forma pertinente. Não é mais passar da não-posse à posse de um objeto de forma pertinente. Não é mais passar da não-posse à posse de um objeto (o ‘saber’), mas sim, do não-domínio ao domínio de uma atividade.

Essa reflexão nos ajuda a compreender que existem duas formas diferentes de se relacionar com o saber (CHARLOT, 2000). Aplicando à oficina, podemos afirmar que trabalhamos com as duas possibilidades: aprender sobre o *rugby* e aprender a jogar o *rugby*. A primeira dominando um conteúdo histórico e as suas regras, por meio da leitura da apostila que foi feita para os alunos; a segunda, como o domínio de uma atividade, nas aulas práticas, com os alunos incorporando um saber técnico de como se movimentar, dentro de um conjunto estratégico de possibilidades, para avançar e fazer o jogo fluir contra um grupo que também possui estratégias e metas a atingir para marcar pontos dentro da partida.

A categoria **Outros** foi criada para aquelas respostas que não se encaixavam na categoria dos alunos que viam o *Rugby como esporte violento* e nas categorias em que eles *Não conheciam ou viam o rugby como Esporte pouco conhecido*. Apesar de distintas das outras categorias, as respostas trazem elementos importantes para a

análise. Em sua narrativa, o Aluno 12 afirma que existe uma despreocupação com o domínio do esporte no curso que ele faz, que está mais preocupado em oferecer vivências aos estudantes, não se aprofundando em um conteúdo específico. Assim, afirma ele: “Um esporte completamente inviável para se trabalhar na escola. Agora, depois da oficina, vejo que é uma prática que pode ser trabalhada e discutida na escola”.

O Aluno 15 declara que o conhecimento que tinha sobre o *rugby*, antes da oficina, era o que adquirira por meio das mídias, principalmente da televisão, e somente essa experiência visual do esporte não era suficiente para compreender as regras do jogo. Para ele, “Apenas da vivência da televisão, pude perceber poucas regras. Agora tenho muita noção das regras, da técnica de jogo e também da parte tática”.

Terminada a primeira fase de nossas análises, em que discutimos acerca do imaginário dos alunos sobre *rugby*, buscando analisar os seus primeiros olhares para esse esporte, voltamos a nossa atenção para o Quadro 2, em que propomos analisar as respostas obtidas por meio do segundo questionamento: *O que pode ser feito com o rugby?* Percebemos três respostas mais visíveis que foram separadas em três categorias: 1) *O rugby como esporte coletivo*; 2) *Introdução de um novo esporte*; e 3) *Outros*

Quadro 2 - O que pode ser feito com o *rugby*?

1) O <i>rugby</i> como esporte coletivo	2) Introduzir um novo esporte	3) Outros
Alunos: 5, 10, 12, 13 e 16	Alunos: 2, 4, 7, 8, 9, 11, 14, 15, 17 e 18	Alunos: 1, 3 e 6

Total: 5 alunos	Total: 10 alunos	Total: 3 alunos
-----------------	------------------	-----------------

Fonte: Produção própria.

Na primeira categoria do Quadro 2, buscamos classificar os alunos que, por meio da pergunta *O que pode ser feito com o rugby?* apresentaram pistas em suas respostas para a construção da ideia de que percebiam **O rugby como esporte coletivo**. Essa categoria foi produzida com as respostas de cinco alunos. O Aluno 13 disse que: “Pode ser utilizado no sentido de cooperação e companheirismo, para que os alunos possam se envolver mais em atividades em grupo”.

Ao examinar a fala do Aluno 13, percebemos, em sua narrativa, elementos como cooperação, companheirismo e atividades em grupo, que pressupõem que o aluno atribuiu ao *rugby* condição de ser um esporte coletivo que, além da compreensão do significado propriamente dito da palavra coletivo (que abrange um grande número de pessoas) está ligado também a um conjunto de valores e regras que podem ser aprendidos ao se praticar o esporte. Para Paes e Balbino (2009, p. 88), “A sincronia dos relacionamentos incorpora normas de condutas, regras e regulamentos referendados pelo esporte espetáculo/competitivo, tudo fazendo parte do mesmo projeto coletivo educacional esportivo”.

Para esses alunos, a oficina proporcionou a ideia de uma construção do coletivo, do trabalho em equipe, contribuindo para que houvesse a interação com o outro. Relações que estão diretamente ligadas ao ser humano, ao mobilizar um saber relacional que poderá ser exigido no seu campo de atuação.

O Aluno 5 relata: “O *rugby* é um esporte totalmente coletivo e levar essa coletividade para dentro da escola seria uma ótima ideia. As crianças e jovens precisam aprender mais a se unirem, e o *rugby* mostra essa união”.

De acordo com Jodelet (2001, p. 15), “A extensividade das representações permite, então, tratar, no nível dos atributos intelectuais de uma coletividade, a expressão de sua particularidade”. O grupo ao qual esse sujeito está inserido, mesmo de maneira indireta, poderá influenciar o modo de ele pensar. Nesse sentido, o Aluno 5 busca, no coletivo, valores e estratégias de união de grupo, que julga necessários para serem transmitidos a seus alunos. Essa forma de pensar também está presente na fala do Aluno 10, que enxerga no *rugby* a possibilidade de trabalhar o senso coletivo dos alunos.

Essas análises feitas por meio da categoria *O rugby como esporte coletivo* nos ajudam a perceber os diferentes sentidos atribuídos, pelos professores em formação, ao esporte coletivo e suas potencialidades para a busca da integração de seus alunos na aula de Educação Física como ferramenta para a construção de valores e regras.

Na segunda categoria do Quadro 2, organizamos os alunos que viam, na Oficina de *rugby*, a possibilidade de *Introdução de um novo esporte* nas aulas de Educação Física. Essa categoria era composta por dez alunos. Para o Aluno 7:

Este novo conhecimento pode ser levado para as aulas de Educação Física através de aulas que permitam que os alunos experimentem esta prática do jogo de *rugby*, conhecendo regras, diferenças e adquirindo novos conhecimentos nas aulas de Educação Física.

Por meio da análise das narrativas dos alunos da segunda categoria, *Introdução de um novo esporte*, é possível problematizar a necessidade de um conteúdo diferenciado no campo de Educação Física que não esteja diretamente relacionado com as práticas esportivas mais bem-sucedidas da escola, como o vôlei, o *handebol*, o futebol e o basquetebol. É possível perceber esses indícios na fala do Aluno 10, quando ele deixa em aberto, em sua resposta, o termo “adquirindo novos conhecimentos”, que sugere a necessidade de conteúdos diferenciados no campo da Educação Física. Isso é explicitado na narrativa do Aluno 14, que vê no *rugby*: “Um conteúdo diferenciado de cultura corporal”.

Para Charlot (2000, p. 54),

A educação é uma produção de si por si, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda. A educação é produção de si por si mesmo; é o processo através do qual a criança que nasce inacabada se constrói enquanto ser humano, social e singular.

Nesse sentido para que haja a educação, deverá haver o consentimento, de alguma maneira, do sujeito a ser educado. Não se educa, se não houver a colaboração e investimento pessoal nesse processo. Para isso, é necessária, também, uma estrutura do mediador (CHARLOT, 2000). Por se tratar de um esporte pouco explorado e talvez nunca vivenciado pelos alunos, surge um grande desafio

para se pensar a metodologia que será aplicada para que esse conteúdo possa ser compartilhado com/nas escolas. O Aluno 18 acredita que:

Podemos nos valer tanto dos métodos de ensino utilizados na disciplina, como dos procedimentos e dinâmicas para a introdução ao *rugby*. As atividades apresentadas na oficina nos oferecerem novas possibilidades e reflexões a respeito do ensino do *rugby* na escola.

Essas reflexões nos ajudam a perceber que existe a vontade de apreender novos conteúdos de ensino para a Educação Física, desde que os alunos se sintam seguros para tratar esse conhecimento de forma pedagógica, com novas possibilidades de reflexão sobre como ele pode ser ensinado.

Na terceira categoria (Outros) do Quadro 2, agrupamos as narrativas que tocavam em outras temáticas de forma dispersa. Ela foi formada pelas falas de três alunos que discutem a estrutura da escola como elemento principal para o ensino do *rugby*, da história do esporte e dos seus fundamentos, nada muito elaborado e que correspondesse ao que foi perguntado.

7 - CONCLUSÃO

Por meio deste relato de experiência, podemos ter a primeira impressão de como compreender a importância de métodos e esportes diferenciados nas escolas, pois muitos alunos chegam à universidade sem ter vivenciado outros tipos de esportes, a não ser os clássicos inseridos na cultura escolar (vôlei, basquete, futebol e *handebol*).

Podemos notar que as representações que foram geradas partem de uma visão de Educação Física incorporada na escola e em outros ambientes de práticas esportivas. Visão esta que acaba por potencializar o ensino e a vivência de determinados esportes, logo o *rugby* não se insere nessa lógica. Partindo desses pressupostos, percebemos diferentes impactos diante dos questionamentos levantados na pesquisa. Um deles nos remete a uma representação de que o *rugby* era tido como esporte violento. Além disso, boa parte dos alunos não conheciam o esporte.

Foi possível observar que a utilização de um esporte não muito convencional gera resistência em alguns estudantes, então ele deve ser lecionado com cautela. Contudo, os futuros professores não devem se intimidar em vista dessa situação, pois, atualmente, o ambiente escolar requer novos e diferenciados aprendizados, já que os alunos vão para as aulas com uma bagagem de experiência bem maior do que geralmente é proposto pela escolarização.

Destacamos também as ressignificações feitas pelos alunos participantes após as vivências acerca do que poderia ser feito com o *rugby*, pois, dialogando com Charlot (2000), notamos que um mesmo saber, quando compartilhado, pode gerar diferentes impactos nos sujeitos. Nesse sentido, ao longo da oficina, percebemos representações que indicaram que o *rugby* pode ser trabalhado como esporte coletivo e introduzido nos diferentes ambientes de atuação de um professor de Educação Física.

A Educação Física, principalmente a brasileira, constitui-se como um campo complexo que abarca os mais diversos elementos esportivos e culturais. Dessa forma, são vários os caminhos que perpassam a formação do professor dessa disciplina, logo precisamos compreender que as práticas diferenciadas, entre elas o *rugby*, se constituem cada vez mais como elementos essenciais em um processo de formação ampliada que deve ser proporcionado pelos cursos de formação.

8 - REFERÊNCIAS

AGUIAR, Filipe Ribas de. **Valores presentes na prática do rugby em um clube de Porto Alegre**. 2011. Monografia (Graduação)- Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre.

BARBOSA, Bruno Teixeira Casoti; CARVALHO, Anísia Menezes de. Incidência de lesões traumato-ortopédicas na Equipe do Ipatinga Futebol Clube–MG. **Rev. Dig. Edu. Fís.**, v. 3, n. 1, 2008.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE RUGBY (CBR). Brasil, Disponível em: <<https://www2.brasilrugby.com.br>> Acesso em: 7 out. 2015.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2000.

GARCIA, H. **El rugby**: Madrid. Publicaciónesdel Comité Olímpico Español, 1963.

INTERNATIONAL RUGBY BOARD (IRB). Disponível em: <<http://www.worldrugby.org/>>. Acesso em: 10 out 2015.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações Sociais**, p. 17-44, 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijui, 2006.

MINAYO, Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE, D. et al. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 85-102.

RUGBY Mania (RM), Brasil. Disponível em: <<http://www.rugbymania.com.br/2015/rugby-historia08.asp>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO DEPARTAMENTO DE DESPORTOS

Questionário Avaliativo da Oficina de Rugby

Formulário aplicado no dia 18 de fevereiro de 2014, referente ao 2º semestre da Oficina de Docência em Esportes Diferenciados.

Nome:

Período:

Curso:

1. Qual era o seu conceito de rugby antes da oficina? E qual seu conceito agora?

2. Para você o que a oficina de rugby acrescentou na sua formação?

3. Como o conhecimento que foi aprendido na oficina de rugby pode ser utilizado nas aulas de Educação Física?

4. Você já possui subsídios para aplicar o rugby nas aulas de Educação Física? Por quê?

5. Como você avalia a oficina de rugby?



APÊNDICE B - Programa da oficina
Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos
Departamento de Ginástica
2013



Prof. Dr. Omar Schneider

Disciplina: Oficina de Docência em esportes diferenciados -*Rugby*-

Código: GIN06871

Créditos: 4 Carga Horária: 30 horas nº de encontros: 15

Dias de encontros: Terça-Feira 14h às 16h

EMENTA:

O *rugby* como conteúdo da Educação Física. Aspectos históricos do *rugby*. Conhecendo e entendendo o jogo de *rugby*, suas possibilidades de ensino, metodologias, teorias e práticas.

OBJETIVOS:

- Entender o *rugby* como conteúdo da Educação Física;
- Compreender o *rugby* e suas formas de jogo;
- Vivenciar os movimentos característicos do *rugby*;

METODOLOGIA:

- Aulas teóricas e práticas sobre o ensino do *rugby*;
- Simulação de situações de jogo;
- O jogo como meio para o aprendizado.

BIBLIOGRAFIA

Leitura de uma apostila em que foi feito a síntese da história do *rugby*, suas principais características, formas de jogar e vocabulário específico da modalidade.

AVALIAÇÃO:

Preparação de um minicampeonato com várias equipes que praticam o *rugby* na Grande Vitória.

Será aprovado o estudante que tiver no mínimo 75% de frequência nas aulas.

OBSERVAÇÃO

- Recomendamos vestimentas adequadas para a prática, inclusive o uso de calçados com trava na sola;
- Levar garrafa de água para a hidratação.